

# Idolatria da produtividade: uma crítica luterana<sup>1</sup>

*Productivity Idolatry: A Lutheran Critique*

Francisca Jaqueline de Souza Viração<sup>2</sup>  
Davi Pereira do Lago<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo apresentar o conceito de produtividade no atual estágio do sistema capitalista, e como ao longo das décadas a produtividade se tornou o “mais alto ideal” a ser alcançado pelo sistema capitalista, sendo comparada até mesmo a um “ídolo”. Pretendemos demonstrar como o arcabouço teológico luterano oferece subsídios para uma renovada crítica da produtividade enquanto princípio norteador da sociedade. Para isso, o trabalho percorre três momentos: (i) primeiro, o exame de como a noção moderna de produtividade assumiu crescente protagonismo nas diretrizes políticas e econômicas das nações; (ii) segundo, a indicação de três mazelas sociais decorrentes da ênfase exagerada na produtividade econômica; (iii) terceiro, a apresentação de subsídios críticos à ideia de produtividade como um fim em si mesmo a partir da tradição teológica luterana.

---

Artigo recebido em: 30 abril de maio 2021

Aprovado em: 13 de set 2021

<sup>1</sup> O luteranismo trabalhado neste artigo é a tradição teológica luterana que deu origem à Federação Luterana Mundial e à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB. Ou seja, a tradição luterana que aceita como bases confessionais as Sagradas Escrituras, os credos da igreja antiga, a Confissão de Augsburg e o Catecismo Menor de Lutero.

<sup>2</sup> Doutoranda em Teologia pela Faculdade EST de São Leopoldo (RS), mestra em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP), graduada em História pela Universidade Regional do Cariri (CE). Professora na Universidade Regional do Cariri, unidade de Iguatu. Email: jaqueline.souza@urca.br.

<sup>3</sup> Mestre em Teoria do Direito pela PUC Minas, graduado em Direito pela PUC Minas. Coordenador do Grupo de Pesquisa Cidades Transparentes no Laboratório de Política Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo/PUC-SP. Email: contatodavilago@gmail.com.

**Palavras-chave:** Produtividade; Idolatria; Luteranismo.

**Abstract:** This article aims to present the concept of productivity in the current stage of the capitalist system, and how over the decades productivity has become the “highest ideal” to be reached by the capitalist system, even being compared to an “idol”. We intend to demonstrate how the Lutheran theological framework offers subsidies for a renewed criticism of productivity as a guiding principle of society. For this, the work goes through three moments: (i) first, the examination of how the modern notion of productivity has assumed an increasing role in the political and economic guidelines of nations; (ii) second, the indication of three social problems caused by the excessive emphasis on economic productivity; (iii) third, the presentation of critical subsidies to the idea of productivity as an end in itself from the Lutheran theological tradition.

**Key words:** Productivity; Idolatry; Lutheranism.

## Introdução

O conceito básico de produtividade é geralmente expresso como a relação entre a produção (*output*) e os fatores de produção (*input*)<sup>4</sup>. Produção é compreendida, em linhas gerais, como bens e serviços, enquanto fatores de produção como, por exemplo, recursos consumidos humanos ou não-humanos. Assim, produtividade é uma medida que expressa a produção a partir da aplicação de determinado recurso. A ascensão retórica da noção de produtividade do século 18 ao contemporâneo é bem conhecida e documentada<sup>5</sup> sendo uma das ênfases centrais no desenvolvimento das modernas ciências econômicas, dos sistemas de contabilidade e administração, e das sucessivas revoluções industriais e tecnocientíficas. Como afirmou Hannah Arendt, a produtividade se tornou o mais alto ideal da era moderna, tornando-se até mesmo uma espécie de “ídolo”. A expressão “idolatria” da produtividade, como será esclarecido, é usada de forma metafórica para denominar a elevação exagerada da

---

4 Cf. RUTKAUSKAS, Jonas; PAULAVIČIENĖ, Eimenė. Concept of Productivity in Service Sector. *Engineering Economics*, v.43, n.3, 2005; TANGEN, Stefan. Understanding the concept of productivity. *Proceedings of the 7<sup>th</sup> Asia Pacific Engineering and Management Systems Conference*. Taipei, 2002; SHARPE, Andrew. Productivity Concepts, Trends and Prospects: An Overview in: *The Review of Economic Performance and Social Progress 2002*. Montreal: Institute for Research on Public Policy, 2002.

5 Cf. RUTHERFORD, Donald. *Routledge Dictionary of Economics*. London and New York: Routledge, 2002.

“produtividade” como ideal supremo da sociedade<sup>6</sup>. Nosso objetivo neste artigo é justamente examinar a escalada da noção de “produtividade” no *ethos* contemporâneo e propor uma crítica pública deste *ethos* a partir da teologia luterana.

Esclarecemos, de partida, que o trabalho não postula uma elaboração sistemática das eventuais implicações e correlações entre produtividade e teologia luterana, à semelhança do que diversos autores já realizaram com outros temas políticos, econômicos e religiosos. Nosso foco é contrapor especificamente três mazelas decorrentes das teorias que fundamentam a produtividade como valor primário da sociedade: a autodestruição socioambiental, a promoção da insolidariedade, e a despersonalização humana. Pretendemos demonstrar como o arcabouço teológico luterano oferece subsídios para uma renovada crítica da produtividade enquanto princípio norteador da sociedade. Para isso, o trabalho percorre três momentos: (i) primeiro, o exame de como a noção moderna de produtividade assumiu crescente protagonismo nas diretrizes políticas e econômicas das nações; (ii) segundo, a indicação de três mazelas sociais decorrentes da ênfase exagerada na produtividade econômica; (iii) terceiro, a apresentação de subsídios críticos à ideia de produtividade como um fim em si mesmo a partir da tradição teológica luterana.

## 1. Contornos da noção moderna de produtividade: de Smith à Kuznets

No campo econômico, o *locus classicus* que estabelece a discussão em termos modernos é a obra *A riqueza das nações*<sup>7</sup> de Adam Smith publicada em 1776. A investigação de Smith procura desvendar o modo como uma sociedade pode tornar-se rica em termos de bens de consumo<sup>8</sup>. Smith não define riqueza em termos de acúmulo de dinheiro/metais preciosos (conforme o mercantilismo de seu tempo), mas em termos de bens de consumo, considerando

---

<sup>6</sup> Jung Mo Sung afirma que termos “como dogmatismo, fundamentalismo, sacralização do mercado, sacrifício e teologia se tornaram parte do vocabulário de economistas e cientistas políticos” SUNG, Jung Mo. *Idolatry: A Reading Key for the Market Economy? Dialog: A Journal of Theology*, v. 55, n.1, mar 2016, p.25-30.

<sup>7</sup> SMITH, Adam. *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*: Edited and with an Introduction, Note, Marginal Summary, and Index by Edwin Cannan. Chicago: University of Chicago Press, 1977.

<sup>8</sup> MAZZUCHELLI, Frederico. O pioneirismo de Adam Smith. *Economia e sociedade*. Campinas, v.11, n.1 (18), p.185-192, jan/jun, 2002.

país rico aquele que produz ou importa a maior quantidade possível de bens de consumo<sup>9</sup>. Para Smith, o crescimento econômico ocorre com a especialização do trabalho: quando um grupo de pessoas em uma sociedade possui suprimento de matérias-primas ou de bens manufaturados maior que o necessário para satisfazer suas demandas básicas; esse estoque excedente oferece a oportunidade de comércio entre as pessoas. Wayne Morrison sintetiza o pensamento de Smith: “inicia-se uma divisão do trabalho que irá se desenvolver até que alguns trabalhadores só estejam produzindo uma parte muito pequena de um produto manufaturado. Essa especialização mínima aumenta a produtividade e dá início à produção em massa”<sup>10</sup>. A teoria da produtividade de Smith é baseada no trabalho, e não na produção agrícola conforme postulava a tradição fisiocrata<sup>11</sup>. Deste modo, com *A riqueza das nações* Adam Smith inicia a ciência econômica moderna, desenvolve a primeira grande teoria do capitalismo, lança as bases do liberalismo econômico e transforma a produtividade em objeto de estudo<sup>12</sup>.

Este papel central da noção de “produtividade” preconizado por Smith foi impulsionado pelos avanços tecnológicos da segunda etapa da Revolução Industrial<sup>13</sup>. Desde então, conforme afirma Phyllis Deane, a preocupação com produtividade e “crescimento econômico – sustentado e perceptível – tornou-se parte da ordem normal das coisas”<sup>14</sup>. Embora pesquisas recentes contestem a plena equivalência entre aceleração da industrialização e aumento da produtividade em si<sup>15</sup>, é ponto pacífico que o desenvolvimento

---

<sup>9</sup> A obra de Adam Smith é desenvolvida e difundida no contexto da primeira etapa da Revolução Industrial (1780-1840), período de transição da produção artesanal e autônoma para a organização fabril.

<sup>10</sup> MORRISON, Wayne. *Filosofia do direito: dos gregos ao pós-modernismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p.214.

<sup>11</sup> Os fisiocratas postulavam que a riqueza das nações estava relacionada ao valor e produtividade das terras agrícolas. cf. NEILL, Thomas P. Quesnay and Physiocracy. *Journal of the History of Ideas*, v.9, n.2, apr 1948, p.153-173.

<sup>12</sup> Para uma introdução ao legado de Adam Smith cf. HAAKONSSSEN, Knud; WINCH, Donald. *The Legacy of Adam Smith* in: HAAKONSSSEN, Knud (ed). *The Cambridge Companion to Adam Smith*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

<sup>13</sup> cf. ATKESON, Andrew; KEHOE, Patrick J. *The Transition to a New Economy After the Second Industrial Revolution*. Working Paper n.8676. Cambridge, MA: National Bureau of Economic Research, 2003.

<sup>14</sup> DEANE, Phyllis. *The First Industrial Revolution*. 2<sup>nd</sup> Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p.20.

<sup>15</sup> CRAFTS, Nicholas. *The First Industrial Revolution: Resolving the Slow Growth/Rapid Industrialization Paradox*. *Journal of the European*

tecnológico intensificou a centralidade das discussões sobre produtividade. Os novos maquinários possibilitaram maior velocidade na produção de bens de consumo e a ênfase no tempo gasto por unidade. Neste sentido, Franco Berardi afirma que “a principal noção da economia moderna é a produtividade, que significa a quantidade de produto por unidade de tempo”<sup>16</sup>.

Na virada do século 19 para o século 20, o conceito de “produtividade” desdobrou-se em diferentes concepções. Na França, o Conde de Saint-Simon articulou a proposta de substituição do governo político e jurídico pela direção de um grupo de pessoas às quais ele se referiu como “classe industrial”. Segundo Simon a verdadeira revolução política seria, na realidade, a revolução industrial pois através dela o Antigo Regime seria substituído por uma sociedade baseada na divisão do trabalho, associação dos produtores e maximização da produtividade<sup>17</sup>. Paralelamente, nos Estados Unidos, Frederick Winslow Taylor estruturou diretrizes para uma “administração científica” da produtividade<sup>18</sup>. A ideia-chave do taylorismo é a minimização da ação humana no cumprimento de cada etapa da produção, eliminando todos os procedimentos desnecessários no interior do processo produtivo e poupando tempo<sup>19</sup>. Posteriormente, o fordismo aperfeiçoou os princípios tayloristas de padronização. Fechando este ciclo, Simon Kuznets desenvolveu indicadores mais avançados para acompanhar de perto o desempenho da economia americana – especialmente após a quebra da bolsa em 1929. Conforme relata André Lara Resende, Kuznets coordenou o desenvolvimento e a elaboração de um “sistema estatístico de acompanhamento da produção e do consumo que ficou conhecido como o das Contas Nacionais, e o mais utilizado dos seus indicadores é o Produto Interno Bruto”<sup>20</sup>. Esse sistema passou a ser citado em todas as esferas, transformado em

---

*Economic Association*, v.3, n.2/3, apr/may, 2005, p.525-534. Oxford: Oxford University Press, 2005.

<sup>16</sup> BERARDI, Franco. *Depois do futuro*. São Paulo: Ubu, 1919, p.18

<sup>17</sup> SIMON, Walter M. History for Utopia: Saint-Simon and the Idea of Progress. *Journal of the History of Ideas*, v. 17, n. 3, Jun 1956, pp. 311-331.

<sup>18</sup> TAYLOR, Frederick Winslow. *The Principles of Scientific Management*. New York and London: Harper & Brothers, 1911. Disponível em: <[https://archive.org/details/bub\\_gb\\_HoJMAAAAYAAJ](https://archive.org/details/bub_gb_HoJMAAAAYAAJ)> Acesso: 24 abr 2021.

<sup>19</sup> LITTLER, Craig R. Understanding Taylorism. *British Journal of Sociology*, v. 29, n.2, jun 1978, p.185-202.

<sup>20</sup> RESENDE, André Lara. Da escassez absoluta à relativa: riqueza, crescimento e desigualdade. *Política Externa*, v.23, n.2, out/dez 2014, p.11-23.

símbolo de sucesso ou insucesso, utilizado para comparar países, representar sua relativa importância no mundo. Conforme Resende: “o PIB transformou-se numa entidade ubíqua”<sup>21</sup>.

## 2. A produtividade como “ídolo” e suas mazelas

De Adam Smith à Simon Kuznets a noção moderna de “produtividade” foi deslocada para o centro das teorias econômicas, indo de método administrativo à meta da sociedade ideal. Hannah Arendt afirmou que a produtividade se tornou o mais alto ideal da era moderna, ou até mesmo um “ídolo” deste tempo<sup>22</sup>. De fato, se a idolatria consiste em elevar qualquer princípio puramente humano à condição de um absoluto inquestionável, como afirmam Moshe Halbertal e Avishai Margalit<sup>23</sup>, certamente a produtividade se assemelha à um ídolo. A metáfora de Arendt é válida: usou a expressão “ídolo” em correlação direta com a expressão “ideal mais alto” (*highest ideal*). Ou seja, seu objetivo não foi elaborar uma tese teológica, mas simplesmente apontar uma constatação: a produtividade goza do mais alto prestígio no período moderno. Neste mesmo sentido, Eduardo Giannetti afirmou que existe uma “idolatria do PIB”, pois “o culto do PIB como métrica de sucesso das nações tornou-se uma espécie de religião do nosso tempo. O crescimento é a meta suprema em nome da qual governos são eleitos ou rejeitados nas urnas”<sup>24</sup>. Gilles Lipovetsky, por sua vez, identificou o culto ao desempenho no cerne do *ethos* contemporâneo: “ser o melhor, destacar-se, superar-se: eis a sociedade democrática ‘convertida’ ao culto do desempenho”<sup>25</sup>.

Podemos apontar pelos menos três mazelas específicas ocasionadas pela ênfase exagerada que a produtividade econômica adquiriu paulatinamente no período moderno. A primeira mazela é socioambiental: a irracionalidade autodestrutiva. O crescimento econômico como um fim em si mesmo e a produtividade que tende

---

<sup>21</sup> RESENDE, 2014, p.15.

<sup>22</sup> “*Productivity and creativity, which were to become the highest ideals and even the idols of the modern age in its initial stages, are inherent standards of homo faber, of man as a builder and fabricator*” ARENDT, Hannah. *The Human Condition*. Chicago: University of Chicago Press, 1958, p.296.

<sup>23</sup> HALBERTAL, Moshe; MARGALIT, Avishai. *Idolatry*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992.

<sup>24</sup> GIANNETTI, Eduardo. *Trópicos utópicos: uma perspectiva brasileira da crise civilizatória*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p.51.

<sup>25</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.264.

ao infinito encontram barreiras inevitáveis nos limites biofísicos do planeta. Contudo, a irracionalidade da idolatria da produtividade conduz à irracionalidade da destruição ambiental. Jürgen Schuldt afirma que a ânsia por produtividade gerou a “civilização do desperdício” na qual o planeta é visto como um reservatório inexaurível de bens materiais e os cidadãos-consumidores são desnorteados com publicidade massiva e alienante, que encoraja descaradamente o consumo irracional e o desperdício<sup>26</sup>. A segunda mazela é ético-política: a insolidariedade. Não há como uma comunidade exaltar a produtividade como fim em si mesmo sem que os vínculos de solidariedade humana sejam rompidos. Robert C. Allen afirma que desde o início da revolução industrial as multidões de operários se mobilizaram em sindicatos para reivindicar condições dignas de trabalho dada a insalubridade que rápido se instalou nas fábricas<sup>27</sup>. A terceira mazela é psicossocial: a despersonalização humana. Conforme Tzvetan Todorov, o frenesi pela produtividade gerou a normatização não apenas de atos, mas das próprias pessoas. Essa ênfase desequilibrada é uma “desumanização, pois *degrada a existência social e psíquica daqueles a quem se aplicam*”<sup>28</sup>.

### **3. Subsídios para uma crítica luterana à “idolatria” da produtividade**

Desde que a noção moderna de “produtividade” foi incorporada ao núcleo dos debates políticos e econômicos, não faltaram críticos à ênfase desproporcional dada crescimento econômico em detrimento das condições de vida e trabalho das multidões operárias, dos vínculos de solidariedade entre os povos e da preservação dos recursos naturais<sup>29</sup>. Não apenas filósofos, economistas e lideranças políticas, mas também teólogos e cientistas da religião elaboraram críticas aos excessos do sistema produção-consumo. Nosso derradeiro objetivo neste trabalho é estruturar subsídios para uma crítica da “idolatria” da produtividade a partir da tradição teológica luterana.

---

<sup>26</sup> SHULDT, Jürgen. *Civilización del desperdicio: psicoeconomía del consumidor*. Lima: Universidad del Pacífico, 2013, p.11.

<sup>27</sup> ALLEN, Robert C. *The Industrial Revolution: a Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

<sup>28</sup> TODOROV, Tzvetan. *Os inimigos íntimos da democracia*. Companhia das Letras, 2012, p.135.

<sup>29</sup> OUTMAN, James L. (ed.) *Industrial Revolution: Primary Sources*. Farmington Hills, MI: Thomson Gale, 2003.

A crítica luterana parte dos conceitos de providência, confiança em Deus e pecado original. Para a teologia luterana o ídolo da produtividade parte da desconfiança na providência de Deus, que para Lutero é o pecado original. Para Lutero o pecado original nasceu quando o homem desconfiou que Deus de fato tinha criado tudo para sua subsistência. Usemos à crítica luterana através das três mazelas citadas anteriormente, a saber: a autodestruição socioambiental, a promoção da insolidariedade, e a despersonalização humana.

Para Lutero o homem e a mulher foram criados para viver em perfeita harmonia com a natureza. Seu corpo nu, sem pelos espessos como os ursos ou cascos, como as tartarugas, era a sua maior glória, não havia necessidade de proteção ao frio ou calor, nem vergonha de seus órgãos sexuais. Ao ser humano foi dado por Deus, o domínio da natureza, porém Lutero não entende domínio como subjugação das criaturas vivas ao bel prazer da humanidade, mas relacionamento e contemplação e até mesmo uma espécie de “início das ciências naturais”:

Em primeiro lugar, consideramos diligentemente que a nenhum animal é ordenado que exerça o domínio, mas todos os animais, inclusive a terra como tudo que nasce dela, são submetidas a Adão, que Deus constituiu, por um mandamento oral expresso, como rei sobre toda a criatura viva. Adão e Eva ouviram estas palavras com os [próprios] ouvidos, quando Deus falou: “Dominai”. Portanto, o ser humano nu, sem armas nem muros, sim, sem qualquer vestimenta, com sua pele exposta, dominou sobre todas as aves, feras e peixes. Também essa pequena parte da imagem divina nós perdemos, de modo que nem sequer percebemos quão grande foi a alegria e a satisfação de Adão ao contemplar as criaturas vivas. Mas hoje tudo está pervertido, até mesmo entorpecido e inteiramente morto. Quem é capaz de imaginar o que significa aquele atributo da natureza divina que confere a Adão e Eva o dom de entender toda a constituição de todos os animais, seus sentidos e todos o seus poderes? Que reino teria sido esse se eles não o soubessem? Entre os santos vê-se que, nesta vida, eles têm algum conhecimento de Deus a partir da Palavra e do Espírito Santo. Mas o conhecimento da natureza – que reconhecemos plenamente todas as qualidades das árvores e ervas, todas as índoles dos animais – isso é totalmente irrecuperável nesta vida. (...) Portanto, esse corpo corrompido, tem, até hoje, pelo favor de Deus, uma espécie de domínio

sobre as outras criaturas. Este, porém, é muito pequeno e muito inferior quando comparado ao primeiro domínio, no qual não havia necessidade de habilidade ou artimanhas, pois a criatura, por si só, obedecia à voz divina, porque Adão e Eva haviam recebido o mandamento de dominar sobre ela.<sup>30</sup>

Para Lutero, o pecado corrompeu toda a criação, e de um relacionamento e harmonia perfeitos com a natureza, a humanidade passa a explorar seus recursos a exaustão. A natureza é dominada, mas não na perspectiva de cuidado e proteção e sim para atender as necessidades. O trabalho, com o pecado, também é corrompido. A natureza, diz Lutero, não lhe dá mais tudo o que ele precisa sem dor e sofrimento. As flores, imagina Lutero, agora têm espinhos, nas lavouras, cardos<sup>31</sup>.

Ali nasceu a semente onde Satanás buscou transformar a criação de Deus em sua imagem e semelhança, incutindo no homem o pecado que lhe fez ser expulso do Céu, o de querer ser igual a Deus. Ao comer da fruta, Adão confirma que não confia em Deus, mas em si mesmo. Quer depender apenas de si, sendo a fonte de todo conhecimento. O relato bíblico diz que Deus passeava toda a tarde pelo jardim. Ou seja, Adão poderia saber de tudo direto da fonte, mas ele não confiava mais em Deus.

Dietrich Bonhoeffer afirmou que quando o homem busca conhecimento de Deus, fora de Deus, torna-se um deus contra Deus. Esta é a essência do anticristo, não apenas contra, mas usurpador. Depender só de si é torna-se um deus. Assim, para a teologia luterana, por exemplo, o conceito do *self-made man* estadunidense, do homem que se faz sozinho, que não depende de ninguém, cultua a si mesmo é completamente anticristão. O *self-made man* enche seu coração de ídolos, onde o maior é o da produtividade.

Em vez de saber de si tão-somente na realidade de ser eleito e amado por Deus, tem que se entender na possibilidade de escolher, de ser origem do bem e do mal. Tornou-se como Deus, mas contra Deus. Eis o embuste da serpente. (...) O ser humano tornou-se igual a Deus como antideus.<sup>32</sup>

---

<sup>30</sup>LUTERO, Martinho. Preleção sobre Gênesis. In: *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2014. v. 12. p. 106–108.

<sup>31</sup> LUTERO, 2014, p. 133–134.

<sup>32</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 9ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009, p.16.

Para um “*self-made man* cristão” não faz sentido orar o Pai Nosso, a não ser que suprima a sentença “o pão nosso de cada dia, nos dai hoje”. Lutero afirma em seu Catecismo Menor que pão, na oração do Senhor, não significa apenas comida, mas tudo que é necessário para uma vida digna, como alimento, roupas, moradia, saúde, esposa, esposo, filhos, trabalho, educação, lazer, etc. Portanto, não há sentido em laborar de modo pecaminoso, subjugando a criação e outros seres humanos. Por mais nobres que sejam os argumentos, como dar uma vida melhor a minha família, para Lutero nada mais é que o pecado original na prática. Pois o trabalho não é para si, mas para os outros. O trabalho é um meio pelo qual Deus abençoa a sociedade e a criação. Adão deveria trabalhar em benefício de pessoas, animais, plantas, rios, não para si como “auto-adoração”. Deus o sustentaria, nada deixaria lhe faltar. Mas o pecado mudou tudo.

O cristão deve trabalhar para Cristo e para o outro, o serviço que presta ou o bem que produz devem ser pensados para a glória de Cristo e para o bem do outro. Aqui misturam-se os conceitos de vocação e sacerdócio universal. Lutero acreditava que cada um era vocacionado por Deus para ser benção em uma área, e todos são sacerdotes em sua área de trabalho. O trabalho bem-feito é veículo de Deus para abençoar a sociedade, o veículo, o trabalhador ou empreendedor, não deveria se preocupar com seu sustento como se dependesse de si próprio, pois o sustento vem de Deus. O foco do trabalho não deve ser o salário, ou o empreendimento, o capital, mas em como melhor servir. Claro que o trabalhador e o empreendedor serão abençoados, há inúmeros salmos, que para Lutero, confirmam isto.

A regra não deveria ser: “Posso vender minha mercadoria tão caro quanto puder ou quiser”, mas, sim: “Posso vender minha mercadoria tão caro quanto eu devo ou quanto é correto e justo”. Pois teu comércio não deve depender totalmente de teu arbítrio e poder, independentemente de qualquer lei e medida, como se fosses um deus que não tem compromisso com ninguém. Muito antes, visto que esse teu comércio é uma atividade que praticas em favor de teu próximo, ela deve acontecer dentre de leis e em responsabilidade diante da consciência de tal maneira que possas exercer sem dano e prejuízo para o próximo. Deves ter muito mais cuidado para não lhe infligir prejuízo, e não pensar apenas como ter maior lucro. Pois muito bem, onde é que se acham comerciantes deste tipo? Em quanto não se reduziria o número de comerciantes e diminuiria o

comércio, se corrigissem esse direito maligno e se procedessem de modo cristãmente justo!<sup>33</sup>

Para a teologia luterana não é o trabalho que dignifica o homem, mas justamente o contrário, o trabalho só é digno porque ele é feito pelo homem. A dignidade da humanidade está na *imago Dei* e não na sua capacidade laboral. Lutero entende que ter a imagem de Deus é ter a essência de Deus.<sup>34</sup> O trabalho vem como consequência de ser imagem e semelhança de Deus, pois já vimos neste artigo, que dominar a natureza, ou seja, trabalhar nela, significava conhecê-la em sua essência assim como Deus a conhece. O pecado corrompeu a natureza humana, mas em Cristo esta imagem é restaurada<sup>35</sup>.

A diferença entre o cristão e o não-cristão é o processo de restauração de sua humanidade verdadeira, mas mesmo a pior pessoa é imagem e semelhança de Deus, pois se não fosse, não lhe haveria esperança de restauração de sua humanidade. Quando Kierkegaard disserta acerca da fé em Abraão, em *Temor e Tremor*, ele afirma que a fé em Deus nos faz descobrir nossa verdadeira humanidade, ou seja, quanto mais próximo de Deus estamos, mais humanos nos tornamos. “Porque amar a Deus sem fé é refletir-se sobre si mesmo, mas amar a Deus com fé, é refletir-se no próprio Deus.”<sup>36</sup> Ademais, outro aspecto importante é o conceito de não matar em Lutero: não é apenas não tirar a vida de alguém, é não dar condições de vida digna. “Não mate. Que significa isto? Devemos temer e amar a Deus e, por isso, não agredir nem ferir o nosso próximo; mas devemos ajudá-lo para que tenha tudo de que precisa para viver”<sup>37</sup>.

No Catecismo Menor o “pão nosso” do Pai Nosso ensinado por Jesus Cristo é ligado ao “não matarás” do Decálogo. Deus nos dá o que precisamos para viver, inclusive para os considerados maus, não apenas o “cidadão de bem”. E nos dá, sem mesmo pedirmos, pois ele é um pai provedor e misericordioso. E “pão nosso”, não significa somente alimento ou coisas materiais, mas também coisas

---

<sup>33</sup> LUTERO, Martinho. Comércio e Usura. In: *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2018. v. 5. p.380.

<sup>34</sup> LUTERO, 2014, p.103.

<sup>35</sup> LUTERO, 2014, p.105.

<sup>36</sup> KIERKEGAARD, Soren. Temor e Tremor. In: *Coleção os pensadores: Kierkegaard*. São Paulo: Nova Cultural, 1979. p. 220.

<sup>37</sup> LUTERO, Martinho. Catecismo Menor para os pastores e pregadores indoutos. In: *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2016. v. 12. p. 452.

imateriais, como bons vizinhos. Como este Catecismo, que é ensinado nas igrejas, a intenção de Lutero é clara, de que quando o fiel ao orar o Pai Nosso, não pense apenas em dinheiro ou em preocupações materiais, quando falar o “pão nosso”.

O pão nosso de cada dia nos dá hoje. Que significa isto? Deus dá o pão de cada dia, também sem o nosso pedido, a todas as pessoas, inclusive às pessoas más. Mas pedimos nesta oração que ele nos faça reconhecer isso e receber com gratidão o pão nosso de cada dia. O que significa pão de cada dia? Tudo que se refere ao sustento e às necessidades da vida, como por exemplo: comida, bebida, roupa, calçado, casa, lar, meio de vida, dinheiro e bens, marido e esposa íntegros, filhos íntegros, empregados íntegros, patrões íntegros e fiéis, bom governo, bom tempo, paz, saúde, disciplina, honra, amigos leais, bons vizinhos e coisas semelhantes.

Se determinado Estado, mercado ou cidadão não promove as condições de uma vida digna, este Estado, mercado ou cidadão é um assassino. O entendimento luterano é direto: se emprego, saúde, educação, segurança, saneamento básico, habitação são essenciais para a vida, o Estado que não os promove é assassino. Se o mercado lucra à custa da miséria dos outros, o mercado é assassino. Se o cidadão não cumpre seus deveres para com o Estado, como pagar seus impostos para que políticas públicas sejam financiadas, ou se o cidadão lucra no mercado financeiro com empresas que poluem o meio ambiente ou colocam pessoas em condição de trabalho análogo a escravidão, este cidadão é assassino. O ex-chanceler alemão, Ludwig Erhard, que era luterano, um dos responsáveis pelo “milagre alemão” no pós-Guerra, acreditava que pessoas com condições de vida digna, não cederiam às tentações do materialismo consumista desenfreado. Afirma:

O objetivo final de toda economia, é e será sempre libertar o homem de sua miséria material. Por isso sou de opinião que, quanto mais conseguirmos aumentar o bem-estar, menos o homem afundará numa vida e numa mentalidade materialistas, porque o aumento de bem-estar contribui para afastar o homem de ideias primitivas e puramente materialistas, ou pelo menos devia afastá-lo. E eu confio que afastará porque, a meu ver, os homens só são materialistas enquanto são prisioneiros das

aflições do dia-a-dia e, no meio de tanta miséria, não conseguem levantar a cabeça. Mas pelo bem-estar e pela segurança social, os homens conseguirão a consciência de si próprios, da sua personalidade e da sua dignidade humana e terão possibilidade, quase diria esperança, de escapar à mentalidade materialista<sup>38</sup>.

No fim, o ídolo na produtividade nasce no coração do deus anticristão chamado eu. Fenômenos hodiernos como o consumismo, a sociedade do espetáculo, a teologia da prosperidade, o relativismo profundo, sentimentalismo exacerbado, as redes sociais caracterizadas pela legitimação do “*selfie*”, do autorretrato, da ostentação, da postagem de si mesmo, são todos reflexos deste ídolo da produtividade e criações do deus anticristão eu. Na tradição luterana esta exaltação do eu é a própria essência do pecado.

### Considerações finais

Neste artigo desenvolvemos uma argumentação sobre como a produtividade tornou-se um ídolo na sociedade capitalista, produzir sem parar, cria externalidades econômicas que degradam o meio ambiente e dão termo aos preceitos da solidariedade. Já que a felicidade se encontra na capacidade de consumir, trabalha-se até a exaustão, não para comprar pão, no entendimento luterano, mas bens que são, em muitos casos supérfluos, com uma obsolescência cada vez mais curta, para se consumir mais, e assim produzir mais lixo e frustração.

A humanidade, que a idolatria da produtividade transformou em mera consumidora, perde a *imago Dei* se não consumir. No sistema capitalista, aqueles que não detém os meios de produção e o capital, só podem consumir se trabalharem, pois é a única forma para adquirirem recursos financeiros. Porém, em um sistema capitalista que avança para a destruição do emprego formal, devido à acumulação flexível do mercado financeiro, segundo Harvey,<sup>39</sup> as pessoas são forçadas para a informalidade. Mas o “bico” é extremamente instável aos “humores” do mercado, muitos estão desempregados e desalentados, e são vítimas de uma das frases que mais refletem como a idolatria da produtividade dessacralizou a *imago Dei*. Se não trabalha, não consome, se não consome, não

---

<sup>38</sup> ERHARD, Ludwig. *Bem-estar para todos*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal S.A., S/D, p.181.

<sup>39</sup> HARVEY, David. *Condição pós-moderna, uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1992.

merece ser tratado como humano. A teologia e o pensamento de tradição luterana condena e denuncia o ídolo da produtividade, de Lutero à Eharhd.

### Referências

- ALLEN, Robert C. *The Industrial Revolution: a Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- ARENDT, Hannah. *The Human Condition*. Chicago: University of Chicago Press, 1958.
- ATKESON, Andrew; KEHOE, Patrick J. *The Transition to a New Economy After the Second Industrial Revolution*. Working Paper n.8676. Cambridge, MA: National Bureau of Economic Research, 2003.
- BERARDI, Franco. *Depois do futuro*. São Paulo: Ubu, 2019.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 9<sup>a</sup> ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.
- CRAFTS, Nicholas. The First Industrial Revolution: Resolving the Slow Growth/Rapid Industrialization Paradox. *Journal of the European Economic Association*, v.3, n.2/3, apr/may, 2005, p.525-534. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- DEANE, Phyllis. *The First Industrial Revolution*. 2<sup>nd</sup> Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- ERHARD, Ludwig. *Bem-estar para todos*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal S.A., S/D.
- GIANNETTI, Eduardo. *Trópicos utópicos: uma perspectiva brasileira da crise civilizatória*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HAAKONSSSEN, Knud; WINCH, Donald. The Legacy of Adam Smith in:
- HAAKONSSSEN, Knud (ed). *The Cambridge Companion to Adam Smith*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- HALBERTAL, Moshe; MARGALIT, Avishai. *Idolatry*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna, uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1992.
- KIERKEGAARD, Soren. Temor e Tremor. In: *Coleção os pensadores: Kierkegaard*. São Paulo: Nova Cultural, 1979.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LITTLER, Craig R. Understanding Taylorism. *British Journal of Sociology*, v. 29, n.2, jun 1978, p.185-202.

- LUTERO, Martinho. Catecismo Menor para os pastores e pregadores indoutos. In: *Obras Seleccionadas* (v.12). São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2016.
- LUTERO, Martinho. Comércio e Usura. In: *Obras Seleccionadas* (v.5). São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2018.
- LUTERO, Martinho. Preleção sobre Gênesis. In: *Obras Seleccionadas* (v.12). São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2014.
- MAZZUCHELLI, Frederico. O pioneirismo de Adam Smith. *Economia e sociedade. Campinas*, v.11, n.1 (18), p.185-192, jan/jun, 2002.
- MORRISON, Wayne. *Filosofia do direito: dos gregos ao pós-modernismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- NEILL, Thomas P. Quesnay and Physiocracy. *Journal of the History of Ideas*, v.9, n.2, apr 1948, p.153-173.
- OUTMAN, James L. (ed.) *Industrial Revolution: Primary Sources*. Farmington Hills, MI: Thomson Gale, 2003.
- RESENDE, André Lara. Da escassez absoluta à relativa: riqueza, crescimento e desigualdade. *Política Externa*, v.23, n.2, out/dez 2014, p.11-23.
- RUTHERFORD, Donald. *Routledge Dictionary of Economics*. London and New York: Routledge, 2002.
- RUTKAUSKAS, Jonas; PAULAVIČIENĖ, Eimenė. Concept of Productivity in Service Sector. *Engineering Economics*, v.43, n.3, 2005.
- SHARPE, Andrew. Productivity Concepts, Trends and Prospects: An Overview in: *The Review of Economic Performance and Social Progress 2002*. Montreal: Institute for Research on Public Policy, 2002.
- SHULDT, Jürgen. *Civilización del desperdicio: psicoeconomía del consumidor*. Lima: Universidad del Pacífico, 2013.
- SIMON, Walter M. History for Utopia: Saint-Simon and the Idea of Progress. *Journal of the History of Ideas*, v. 17, n. 3, Jun 1956, p. 311-331.
- SMITH, Adam. *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*: Edited and with an Introduction, Note, Marginal Summary, and Index by Edwin Cannan. Chicago: University of Chicago Press, 1977.
- SUNG, Jung Mo. Idolatry: A Reading Key for the Market Economy? *Dialog: A Journal of Theology*, v. 55, n.1, mar 2016, p.25-30.
- TANGEN, Stefan. Understanding the concept of productivity. *Proceedings of the 7<sup>th</sup> Asia Pacific Engineering and Management Systems Conference*. Taipei, 2002.
- TAYLOR, Frederick Winslow. *The Principles of Scientific Management*. New York and London: Harper & Brothers, 1911.

Disponível

em:

<[https://archive.org/details/bub\\_gb\\_HoJMAAAAYAAJ](https://archive.org/details/bub_gb_HoJMAAAAYAAJ)>

Acesso:

24 abr 2021.

TODOROV, Tzvetan. *Os inimigos íntimos da democracia*.  
Companhia das Letras, 2012.